

No sistema da pólis da Grécia antiga, o envolvimento do cidadão individual em tarefas com impacto colectivo alargava-se a todos os domínios de actuação, fosse em matéria religiosa, política, militar, financeira ou mesmo recreativa. A este último nível, destaca-se sobremaneira o fenómeno teatral, enquanto força viva que espelha intensamente a maneira como se cruzam e interpelam a aura identitária do *polites* (o cidadão que partilha “interesses comuns” enquanto membro de uma pólis) e a do *idiotes* (o indivíduo e os “interesses “privados” que o marcam), acompanhando assim de perto as tensões e desafios a que a pólis vai sendo sujeita. Nesse processo dialógico, a sociedade confronta igualmente os membros — no plano metafórico do passado heróico da tragédia ou na utopia indagadora da comédia — com os grandes problemas que em comum os preocupam.

É através desse envolvimento em causas partilhadas (*politika*) que se afere a sanidade e a robustez do próprio organismo democrático que o teatro grego tão bem espelha e questiona. Com efeito, a intensa vivência cívica deste período da história da Grécia cruza-se com as expectativas de uma audiência cuja composição física seria em boa parte a mesma, quer quando se reunia para participar nas instituições da pólis democrática (como “cidadão”- *polites*), quer quando o fazia para assistir (como “espectador”- *theates*) às representações teatrais.

Ora precisamente um dos aspectos que de imediato mais me tocaram desde o primeiro momento em que entrei em contacto com a equipa da PELE foi precisamente a forma como todo o projecto se enquadrava de maneira tão notável no espírito do teatro antigo, em especial nas características da chamada comédia antiga com a sua marcada vertente política, no sentido puro do termo, ou seja enquanto expressão artística e cultural profundamente empenhada na pólis-comunidade.

O MAPA E A SINGULAR IDENTIDADE NORTENHA

Delfim Ferreira Leão — Professor na Universidade de Coimbra

Salvaguardando embora a devida distância temporal entre o contexto histórico específico da Grécia antiga e as ansiedades e receios da Grécia actual e, com ela, de toda a matriz estigmatizada da mundividência própria das nações do Sul, foi de facto uma experiência de inusitada beleza acompanhar os cidadãos do Porto a construir a própria narrativa de interpretação e reinvenção da cidade. Diz o adágio popular que “o Porto é uma nação” e com efeito esse espírito nortenho (ainda assim, parte integrante de um Sul mais amplo) traduziu-se numa explosão de cidadania genuína e empenhada, numa polifonia de sentimentos, ora desencontrados ora alinhados pelo mesmo tom, que logo evocavam, de maneira espontânea, a dinâmica dos grandes coros da comédia de Aristófanes. Toda a panóplia de impulsos cénicos lá se podia encontrar: a cor, o movimento das massas, o canto, a convocatória pública, as tensões, a alegria purgatória da celebração final.

Sendo a *Utopia*, por definição, um “não-lugar”, relegado, por isso mesmo, para espaços recônditos da imaginação, toda a produção de *MAPA_o jogo da cartografia* vem, pelo contrário, ancorar esta manifestação metapolítica no *topos* real e palpável das gentes do Porto, que lhe dão voz, corpo e densidade metafórica. Por certo uma experiência singular para uma colectividade marcada por singular identidade.

Delfim Leão
nascido no Porto nos idos de Março
Coimbra, Julho de 2015